



Abolição na Província do Ceará:

Carlos Rafael Vieira Caxilé

Mestre em História Social pela Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo

A discussão realizada nesse texto faz parte da dissertação de mestrado intitulada: *Olhar Para Além das Efemérides: Ser Liberto na Província do Ceará*, defendida por mim na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Essa pesquisa teve início, quando ainda me encontrava cursando a graduação de História na Universidade Federal do Ceará, através de um projeto do CNPq-PIBIC cujo tema era *Fazendo a Liberdade: a História dos Negros Libertos no Ceará*, que tinha como objetivo analisar o processo histórico constituído pelos libertandos e ex-escravos, considerando as experiências vividas por homens e mulheres, sua inserção na sociedade, no mercado de trabalho, as formas de resistência e de luta contra a discriminação racial e a marginalização social. Procurou-se também perceber a constituição de seus espaços e suas práticas religiosas e culturais como o maracatu, os reisados e outros “autos” que possibilitassem a busca de uma identidade.

A princípio meu objetivo era encontrar uma identidade para os negros cearenses, através das religiões afro-brasileiras presentes no Estado do Ceará. Depois de alguns meses pesquisando em censos, jornais, relatórios e correspondências percebi que não era possível prosseguir. O material encontrado não permitia o desenvolvimento do trabalho. Então minha proposta inicial foi substituída. Passei a trabalhar com jornais de época, do período de 1870 a 1884, especificamente, *O Cearense* e *Libertador*, sendo esse último um órgão da *Sociedade Cearense Libertadora* e, o primeiro, órgão oficial do governo da Província. Atentou-se para os discursos presentes em ambos os jornais, o teor laudatório do *Libertador* pouco se distanciava das propagandas governamentais presentes no *Cearense*. Por fim, a opção foi de deixar o *Cearense* de lado e deter-se no *Libertador*.

Passou a ser interesse saber um pouco mais sobre quem eram os indivíduos que escreviam naquele jornal, quais suas intenções, seus anseios, objetivos e projetos. Passou-se, então, a ler autores que já haviam desenvolvido pesquisas a respeito. No trabalho do historiador Raimundo Girão, *Abolição no Ceará*, encontram-se alguns esclarecimentos sobre esses indivíduos e sobre o que propunham e desejavam. Além do trabalho de Girão, também a dissertação de Pedro Alberto de Oliveira, *Declínio da Escravidão no Ceará*, foi de grande importância para situar as principais questões dessa pesquisa.

O projeto que tinha como objetivo central analisar o processo abolicionista na província do Ceará, desencadeado pela Sociedade Cearense Libertadora. Desta maneira, estabeleceu-se como sujeitos a serem pesquisados, os membros dessa sociedade. Seria feita uma análise crítica desses indivíduos procurando definir os interesses que estavam em jogo naquele momento.

Entendia-se que uma das maneiras de defini-los seria seguir de perto suas atividades em atos, gestos e palavras. Os membros da Sociedade Cearense Libertadora não eram originários das camadas mais pobres da população cearense, mas também não eram totalmente oriundos e porta-vozes exclusivos dos interesses das classes dominantes. Por outro lado, é certo que sua composição social os situaria enquanto membros das camadas mais altas da sociedade. Sua atuação não pode ser aplicada exclusivamente em termos de defesa de interesse de classes. Apesar de possuírem estreitos laços de parentescos que os atavam a famílias proprietárias de terras, sua atuação se dava no contexto urbano. Logo, entendemos que esses indivíduos, em grande parte, eram intelectuais da ciência que procuravam legitimar e respaldar cientificamente suas ações e posições em determinadas instituições do saber, como Academia Francesa, Academia Cearense de Letras e, posteriormente, Instituto Histórico Cearense.

Os sujeitos da Sociedade Cearense Libertadora potencializaram sua máquina discursiva, apropriando-se de enunciados e conteúdos simbólicos coletivamente engendrados naqueles espaços sociais, tais como os referenciais morais. Recodificando para aquele campo de experimentação subjetiva os enunciados da ordem burguesa como liberdade política e econômica, industrialismo, desenvolvimento tecnológico, progresso

a sociedade cearense libertadora e seus ideais

científico - produtos de intensidades desejantes do iluminismo, romantismo e do positivismo - aqueles homens tiveram um interesse comum: integrar-se nas relações de poder de sua sociedade e manter o domínio dos grupos tradicionais, ou seja, acompanhar a emergência dos novos setores sociais seguindo a manutenção dos antigos setores dominantes na nova ordem mundial.

O surgimento da Sociedade Cearense Libertadora foi fruto das mudanças que ocorreram na província do Ceará a partir da segunda metade do século XIX. A criação da Santa Casa de Misericórdia, em 1861, a criação da Biblioteca Pública, em 1867, a instalação da estrada de ferro Fortaleza-Baturité, em 1873, a implantação do plano urbanístico do engenheiro Adolpho Herbster, em 1875, como também a criação da Academia Cearense de Letras, da Academia Francesa, do Instituto Histórico e Geográfico e de algumas agremiações literárias são características significativas dessa época. Nesse cenário emergiram novas forças sociais: uma elite intelectual composta de letrados e profissionais liberais, dentre eles funcionários públicos, advogados, professores, médicos e farmacêuticos.

É importante observarmos que as mudanças ocorridas na província do Ceará, a partir da segunda metade do século XIX, não estavam acontecendo isoladamente. Outras províncias do Brasil imperial, principalmente depois de 1850, passaram por transformações sociais, políticas e econômicas onde as cidades, suas capitais, constituíram-se como as sínteses dessas transformações. A urbanização exigiu um complexo quadro administrativo que foi preenchido por burocratas, bacharéis, engenheiros e médicos.

As mudanças que aconteceram a partir dos anos 50 trouxeram como consequência uma forte urbanização. O rápido crescimento das cidades seguiu um aumento considerável da população citadina, cujos valores tornaram-se bem diferentes daqueles da população do campo. O meio urbano constituiu-se espaço bastante propício à difusão de novas idéias. A forte concentração de pessoas, consoante ao desenvolvimento dos meios de comunicação, jornais, folhetins e transporte, estradas de ferro e navios a vapor, favoreciam a transmissão de notícias e sua discussão, estimulando a formação de uma opinião pública forte. Nos centros urbanos observou-se nessa época uma enorme adesão à causa abolicionista. Através da imprensa, aqueles que simpatizavam com o fim do elemento servil procuravam angariar fundos que seriam destinados à libertação dos cativos.

Os membros da Libertadora Cearense pertenciam ao meio urbano, faziam parte da elite letrada cujo pressuposto supunha o engajamento nos ideais europeus. Para esses abolicionistas, o fim da escravidão levaria o país ao desenvolvimento social, político e econômico. Interpretavam a realidade na qual viviam sob o prisma de teorias positivistas e evolucionistas, que foram introduzidas no cenário brasileiro a partir de 1870. Contudo, não seguiam à risca tais doutrinas, mas as interpretavam segundo seus interesses.¹ Tiveram como objetivo defender preceitos norteadores da ordem burguesa como: liberdade política e econômica, industrialismo e desenvolvimento tecnológico.

A maioria dos membros da libertadora supracitada entendia que a abolição da escravidão era o mecanismo pelo qual a sociedade alcançaria o desenvolvimento econômico, político e social. Tinham como referências leituras científicas e evolucionistas, como também comungavam dos ideais liberais. Eram a favor do livre comércio e do liberalismo econômico. Baseavam-se na economia política inglesa. Entendiam que o Estado deveria intervir em algumas decisões que envolvessem o direito público. Assim como Joaquim Nabuco, entendiam que a escravidão era um mal que deveria ser superado. Esses jovens intelectuais abolicionistas, denominados de “*mocidade cearense*” tinha concepções bem próximas das de Nabuco, por vezes idênticas. Nos seus discursos procuravam demonstrar que a escravidão era um empecilho ao desenvolvimento, como também à organização de uma sociedade inserida dentro dos padrões europeus de civilização. Cabia ao Estado a função de intervir em questões que envolvessem o direito público.

Esses abolicionistas estavam pensando a organização do mercado de mão-de-obra, de forma que o fim imediato do regime de trabalho escravo viria acompanhado de uma instrução educacional que formasse o ex-escravo nos novos valores e comportamentos correspondentes ao modo de produção capitalista que estava se instituindo. A mudança do sistema servil ao livre deveria vir acompanhada da garantia de que a organização do trabalho não seria ameaçada. A liberdade deveria vir atrelada às formas de exploração capitalistas que estavam surgindo, se assim não fosse, qualquer outra forma de comportamento seria analisada e interpretada como ociosidade, vício e crime.

A Diretoria da *Sociedade Cearense Libertadora* utilizou a atividade da imprensa enquanto instrumento de divulgação de seus anseios e ideais políticos, sociais e econômicos. Os meios de comunicação foram para esses indivíduos a principal ferramenta de transmissão de seus ideais, possibilitando-lhes formar uma opinião pública conivente com seus interesses.

No dia 1º de janeiro de 1881 a *Sociedade Libertadora* editou o primeiro número do jornal *Libertador*, que veio com o seguinte título: “*Libertador – veio a luz nesta capital mais órgão de publicidade, da Sociedade Cearense*”

Libertadora (...) destina-se à sustentação do problema mais difícil que preocupa actualmente o pensamento nacional – a extinção do elemento servil”.²

O *Libertador* apresentou publicação irregular. Do número 01 ao número 07 saiu quinzenalmente com oito páginas em média, do número 08 ao número 18 circulou semanalmente com quatro páginas. Em 28 de setembro de 1881 foi editado um número especial em comemoração ao aniversário da *Perseverança e Porvir*, outro no dia 08 de dezembro em comemoração à fundação da *Sociedade Cearense Libertadora* e mais um em comemoração ao aniversário da mesma que fazia um ano de existência.

A criação do libertador é ainda um facto de maxima importancia, porque é a imprensa um grande agente para a realização de grandes ideias principalmente esta, que deve ser discutida com toda a largueza e lucidez, portanto nossos emboras àqueles que promoveram esse grande meio poderoso, essa alavanca potente, que se chama imprensa.³

O jornal poderia ser adquirido em avulso pelo valor de quatro réis e a assinatura trimestral pelo custo de 2:000 réis. Foi impresso na Tipografia Brasileira até o número 06, depois passou a ser editado na tipografia do jornal *O Cearense*. Tinha como formato 21,5x30 cm, 8 páginas divididas em seções: Libertador, Gazetilha, Expediente, Folhetim, Literatura e Páginas do Povo. Os redatores eram Antônio Bezerra de Menezes, José Teles Marrocos e Antônio Martins. Como colaboradores, Frederico Borges, Justiniano de Serpa, Martinho Rodrigues, João Lopes, Abel Garcia, Almino Álvares Afonso.

O jornal surgiu com o propósito de atuar na campanha publicitária em favor da emancipação da escravidão na província do Ceará, primava por uma escrita eloqüente e poética, sempre se remetendo à “consciência pública”, como maneira de convencimento de suas idéias.

Em homenagem à fundação do jornal, escreveu um poeta anônimo:

O grande campeão da liberdade,
O temido jornal – “libertador” -
Se fez o horóscopo da verdade
O erro profligando com fervor;
A carne apodrecida da maldade
Queimava com prazer, embora a dor,
Viesses despertar o escravismo,
O qual inda sonhava o despotismo.⁴

O Libertador, nas edições que antecederam o dia 25 de março de 1884, dia da abolição da escravidão na província do Ceará, sempre se referiu à liberdade enquanto elemento principal para o desenvolvimento das letras, artes, indústria, lavoura, agricultura e que tais desenvolvimentos somente poderiam ocorrer com o fim da escravidão. A abolição permitiria à nação crescer e ser tão forte política e economicamente quanto alguns países do velho mundo, dentre eles, França e Inglaterra.

Os membros da *Libertadora Cearense* desejavam ver a província do Ceará como a primeira do Império a libertar seus escravos, “podemos exclaimar cheios de prazer aos nossos irmãos do sul: vinde aprender connosco a ser livres!” Ainda exaltavam o espírito

empreendedor do povo cearense, “vinde ver como um povo acabrunhado de mil calamidades naturais, encara os perigos, e a despeito de todas as desgraças só sonhara com as grandezas que lhe inspira o esforço de sua constancia.”⁵

Enfatizavam o quanto era vergonhoso para uma nação ainda possuir escravos: “em meio das grandes idéias que nobilitam o nosso século, uma grande vergonha faz ainda corar a nossa pátria”.⁶ A grandeza do país, com seu imenso território, rico em recursos naturais, rios, oceanos e matas, torna-se diminuta com a existência da escravidão.

Acreditavam que a escravidão representava uma violação às leis econômicas, políticas e sociais do mundo contemporâneo. Os membros da sociedade viam a escravidão como um entrave à racionalidade econômica e ao desenvolvimento de uma nação:

Considerar nos efeitos da emancipação dos escravos dos Estados Unidos, da qual, não obstante Ter sido effectuada de chôfre, resultaram grandes benefícios para aquelle paiz. Ali, os antigos escravos tem feito extraordinário progresso em sua educação moral, scientifica, e industrial como se acha perfeitamente demonstrado em alguns artigos sobre a epigraphe ‘educação de libertos’ publicado em novo mundo de junho e julho de 1879. Quando muitos philanthropos da Europa não podiam acreditar na possibilidade de conseguir, que em poucos annos a raça africana fizesse a evolução da semi-barbaria da escravidão para o maximo estado de civilização, no goso de todos os direitos de cidadão de uma Republica perfeitamente democratica, vemos que esse prodigio esta realizado: há negros nas universidades, nas academias, nos collegios e nas escholas; há negros medicos, advogados e em todas as profissões; há negros deputados e senadores; há negros padres e em todos os ramos da religião christan.

E na seqüência, completava:

Sejamos por tanto, ousados e resolutos em affirmar os princípios de uma pura e radical democracia, clamando sem cessar pelo resgate dos captivos.
O progresso, como a religião da humanidade, tem por scopo supremo a fraternidade dos homens e dos povos, commungando todos os mesmos agape os mesmos direitos e os mesmos deveres.
Nós que representamos a opinião, queremos a consagração politica e social dos princípios de liberdade, de justiça de solidariedade, que constituem a sciencia moderna.⁷

Os abolicionistas da *Sociedade Cearense Libertadora* utilizaram-se do jornal *Libertador* para expressarem-se politicamente, criticando duramente aqueles que agiam contra seus interesses. Os que se manifestavam contra ou se negavam a ajudar eram execrados pelos membros da diretoria: “verificou-se e está provado que o homem que negou uma pequenina offerta a sympathica comissão de senhoras, sob o futil pretexto de ser contra a ideia (logo é escravocrata)”.⁸

O juiz municipal José Gonçalves de Moura sentiu a cólera dos diretores, pois mantinha em cativo uma mulher de nome Esperança que se dizia livre. Os abolicionistas denunciaram e condenaram tal situação:

Os escravagistas, os miseraveis especuladores de carne humana, estes pequenos miseraveis, que tem accumulado fortuna à custa de tantas lagrimas e gemidos, acossados abolicionista, vendo que a cada momento lhes fugirá das mãos essa nova especie de velocinio de ouro.
E que os infames negociantes de negros rastejam-se até o crime, reduzindo pessoas livres à escravidão.

Mas não nos abandona a fé na generosa e grandiosa propaganda, que levamos por diante. Um dia o escalbello de reo há de ser o throno de ouro desses nojentos e asquerosos egoistas e ambiciosos vulgares, que tem os esgares do avarento, a alma de lama.⁹



E novamente no dia 29 de junho do mesmo ano investiram contra Petrolina Alves Pontes e Fideralino Ribeiro da Silva, acusados de manter em seu poder, “mettidos a ferro”, escravos considerados livres. Os abolicionistas denunciaram o fato ao chefe de polícia da província:

Hoje que a idéa da libertação dos escravos na província não é mais uma utopia, que todos os verdadeiros cearenses se esforçam por estirpar de uma vez o cancro do elemento servil que tem sido o motivo do retardamento do progresso, que de coração anhelamos para este querido paiz, existe ainda alguém que se oppõe ao impulso do grande movimento, lançando mão de meios ignóbeis para neutralisar-lhe toda ação. Existem ainda creaturas que não corando do ridículo papel que representam perante os homens de verdadeiro merecimento, escudam-se na infâmia, praticando actos que na phase presente bem os recommendão a execração publica (...)

Em 30 de setembro de 1878 (...) D. Guilhermina Hermilina Freire, concedeu cartas de liberdade a seus escravos Salustiano, Luiza e Rufino (...)

Pois bem; agora aparece Fideralino Ribeiro da Silva, protestando serem os ditos escravos considerados libertos, porquanto aquella senhora, que falleceu em dezembro do ano passado, havia ficado a dever Petrolina Alves Pontes, e quer a todo o transe que os escravos, que entretanto a três anos gozavam de inteira liberdade, fiquem por pagamento da divida (...)

Denunciando-lhe ao Ilm.Sr.Chefe de Polícia, confiamos que, tomando em consideração os soffrimentos dos mesmos perseguidos, mandará informar-se do ocorrido e punira o criminoso com o rigor da lei, para desse modo desbaratar a audacia dos negreiros, que ainda se atrevem a escravisar pessoas livres.¹⁰

Outras vezes utilizavam discursos comoventes, procurando sensibilizar seus leitores, posicionando-se como “irmãos”, “amigos” e “pais” dos cativos.

Hontem as 3 da tarde por ocasião de atracar a bordo do vapor Ipojuca uma lancha que ia receber carga, vinte escravos dos 52 que se achavam no mesmo vapor, saltaram na lancha procurando ganhar terra. Um dos mesmos escravos dispondo, porém, de mais energia, lançou-se ao mar, e não obstante a grande distancia em que se achava da terra, conseguiu a nado chegar até o trapiche, onde mais morto do que vivo, foi aprisionado e levado a bordo.

Na hora em que se deu essa occorrença a praia estava quase deserta e assim os escravos não poderam receber nenhum auxilio externo.

Registrando esse acontecimento externamos o mais profundo pezar que nos invadio a alma, por não termos a felicidade de acharem-se na praia, em tal emergencia, os nossos abolicionistas.

Ah!... si elles lá estivessem-os infelizes teriam encontrado o pae, o irmão e o amigo que nunca tiveram em sua vida!¹¹

As organizações e associações libertárias, dentre elas a Sociedade Cearense *Libertadora*, tinham como objetivos em comum fazer conexões entre si, visando à ampliação da campanha abolicionista, promovendo encontros, atuando na imprensa, apelando para o público, formando uma opinião pública, criavam um clima de agitação. Seus encontros e reuniões freqüentemente eram realizados em teatros, salões, lugares alegres e exuberantes, e reuniam grande número de pessoas.

Como já foi dito, tinham ideais evolucionistas e cientificistas. Acreditavam que uma nação só alcançaria a prosperidade seguindo um ideário evolutivo-positivista, conforme pregavam os mestres europeus Darwin, Spencer, Comte e outros que buscavam associar conceitos de ciência e modernidade para o desenvolvimento dos povos. A abolição foi o modo encontrado por esses indivíduos para alcançarem o ideal de uma sociedade com valores burgueses.

O movimento abolicionista desencadeado pelos membros da Sociedade Cearense *Libertadora* não foi um movimento de cunho humanitário e filantrópico. Para tais abolicionistas, o fim da escravidão consistia na negação da grande propriedade, na luta pela oportunidade de instrução pública para toda a sociedade e por uma reforma eleitoral que permitisse uma maior participação da população. Esses abolicionistas tinham como intenção mudar a estrutura de produção de forma que outros setores da sociedade, que não somente o dos grandes proprietários de terra, mas também pequenos produtores e as camadas médias, passassem a ter uma participação política mais direta e uma certa parcela de poder. Ainda buscavam um reconhecimento, sobretudo político, onde o fim da escravidão era também o de uma instituição que legitimava até então a ordem política e social vigente.

Recebido para publicação em dezembro de 2005

Notas:

¹ Ver: SCHWARCZ, Lilia Moritz. O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil 1870 – 1930. Edição 3. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. Segundo a autora “a entrada coletiva, simultânea e maciça dessas doutrinas acarretou, nas leituras mais contemporâneas sobre o período, uma percepção por demais unívoca e mesmo coincidente de todas essas tendências. Tais modelos, porém, foram utilizados de forma particular, guardando-se suas conclusões singulares, suas decorrências teóricas distintas. Dessa forma, se a noção de evolução social funcionava como um paradigma de época, acima das especificidades das diferentes escolas, não implicou uma única visão de época, ou uma só interpretação.” p. 43.

² Libertador. 1881, número 2, p. 4. Nas citações, preservamos a ortografia original.

³ Ibidem, p. 2.

⁴ Revista da Academia Cearense de Letras. Ano LXXXIX, V, 45, 1884, número especial. p. 61-97.

⁵ Libertador, 1881, número 7, p. 2.

⁶ Ibidem.

⁷ Ibidem.

⁸ Ibidem, p. 3.

⁹ Ibidem.

¹⁰ Libertador, 1881, número 15, p. 1.

¹¹ Libertador, 1881, número, 5, p. 5.

